

FH se irrita com críticas à educação

SONIA CARNEIRO E
MARISE LUGULLO

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso deu ontem um soco na tribuna, em discurso no Palácio do Planalto, ao dizer que seu governo fez uma revolução silenciosa na educação sem privatizar o ensino superior. “O ensino está se tornando gratuito, universal e público a despeito de tudo quanto se possa ter dito sobre intenções que nunca existiram, de privatização disso ou daquilo”, afirmou Fernando Henrique, ao comemorar os 50 anos de criação da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes). Cinquenta pesquisadores receberam o prêmio Anísio Teixeira e a medalha de prata da Capes.

O presidente aproveitou a solenidade para justificar o fato de o Brasil ter ficado na 43ª colocação entre os países tecnologicamente desenvolvidos, de acordo com o Índice de Avanço Tecnológico, da ONU. “Evidentemente, sempre faltam recursos. Mas os avanços obtidos são qualitativos”, respondeu Fernando Henrique. “O problema é a relação per capita. Como temos 170 milhões de habitantes, tudo isso fica muito diminuído e na comparação se perde. Mesmo assim, os avanços são consideráveis.”

Artigos – Como exemplo de avanço científico, o presidente disse que dobrou o número de trabalhos científicos publicados no exterior em seu governo: de 4,8 mil para 11 mil artigos, levando o país à 21ª posição, considerando a produção dos últimos cinco anos. Para o ministro da Educação, Paulo Renato, o crescimento se deve ao aumento do número de doutores no país, que foi de 144% nas universidades federais e de 135% nas particulares.

Hoje, há 300 grupos de pesquisa financiados pela Capes no exterior, número que pode au-

mentar. O orçamento da entidade, que tem 160 funcionários, é de R\$ 450 milhões. Ontem foram iniciadas conversas entre os ministros da Educação e Ciência e Tecnologia para oferecer novas bolsas de mestrado e doutorado nas áreas estratégicas para o desenvolvimento, revelou o ministro Paulo Renato. No discurso, Fernando Henrique disse que o ministro foi um dos autores da “revolução silenciosa no ensino”.

O presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, Carlos Roberto dos Santos, concorda que houve expansão da pós-graduação, mas disse que o mesmo não ocorreu na graduação. “O problema da expansão do sistema diz respeito à graduação e não existe pós-graduação sem graduação”, ressaltou Santos, que é também reitor da Universidade Federal do Paraná.

Infra-estrutura – “A Capes dá todo o respaldo para a pós-graduação, com recursos e bolsas de pesquisa, mas a graduação sofre uma enorme dificuldade de infra-estrutura, com falta de professores e funcionários nas universidades”, criticou.

“As universidades federais vivem um momento de estrangulamento, principalmente a graduação”, corroborou o reitor da Universidade Federal Fluminense (UFF), Cícero Mauro Fialho. De acordo com ele, se houve expansão dos mestrados e doutorados, foi graças ao esforço da própria comunidade acadêmica. Para ele, o governo vem promovendo ações louváveis no ensino básico, mas as universidades não têm tido a mesma atenção.

Fialho criticou o fato de o número de vagas na graduação ter aumentado, mas o orçamento das instituições ter ficado estagnado. Também destacou a falta de concursos para professores. “O que adianta formar esse pessoal se depois eles não têm como trabalhar, se não há concursos?”